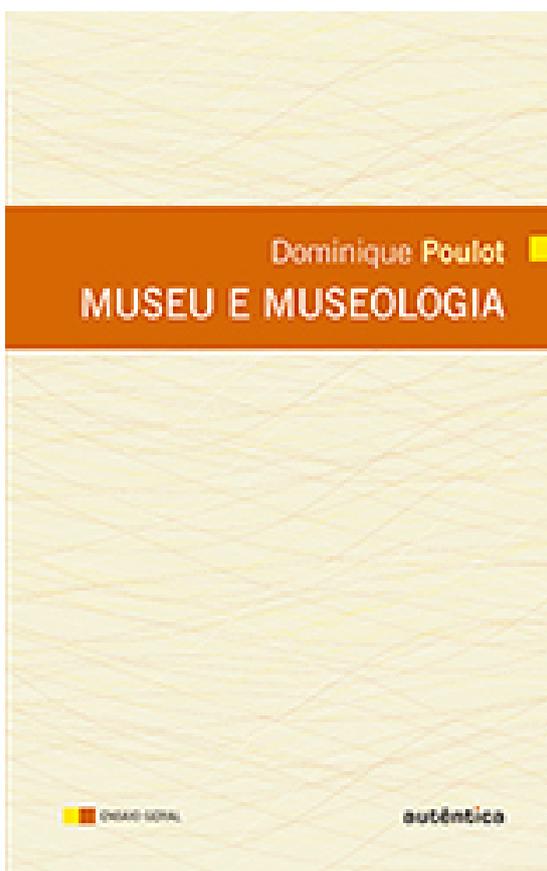


MUSEUS E MUSEOLOGIA EM PERSPECTIVA.
MUSEOS Y MUSEOLOGÍA EN PERSPECTIVA.
MUSEUMS AND MUSEOLOGY IN PERSPECTIVE.



POULOT. Dominique. **Museu e museologia**;
tradução: Guilherme João de Freitas Teixeira -
Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

Resenhado por:
Alex da Silva Farias[□]
Universidade Federal do Ceará

¹ Bolsista da FUNCAP de Mestrado Acadêmico em História Cultural. UECE/MAHIS e Especialista em Metodologia do Ensino de História.
Olh@res, Guarulhos, v. 2, n. 2, p. 502-508. Dezembro, 2014.

Professor e historiador francês especializado em museus e patrimônio histórico, Dominique Poulot é autor da obra “Uma história do Patrimônio no Ocidente” e publicou recentemente o livro “Museus e Museologia”. Este último uma referência teórica que se debruça sobre o desenvolvimento do conceito de museu e do estabelecimento da disciplina de museologia. É organizado em seis capítulos, que se completam concatenados em um sentido metodológico, desta forma facilita o entendimento das abordagens para expor sua proposta de relacionar os conceitos e as funções do museu, vinculando-os com as várias práticas museais ao longo do século XIX.

O primeiro capítulo, intitulado “O que é um museu?”, foi subdividido em dois tópicos: as definições do museu e as funções do museu. O primeiro trata da trajetória histórica do conceito de museu levando em consideração a atualização das diferentes publicações, documentos e comitês que criaram nomenclaturas para que os profissionais de museologia pudessem orientar-se em suas abordagens e epistemologias. O tópico seguinte aproxima a definição de museus com a função de conservação relacionando-os com a emergência das instituições de memória. Para demonstrar o uso das exposições como dispositivo para a transferência de conhecimento o autor explica as características fundamentais dos museus franceses, como instituição de conservação, evidenciando, portanto esta ação para a preservação do patrimônio, através de políticas de aquisição e de exposições.

No capítulo segundo “O espaço e o tempo das coleções” seguem dois pressupostos: um que desenvolve uma lógica sobre a representação do passado e do presente na construção da pátria, da nação e da comunidade. Era oriundo do enciclopedismo justificava a erudição nos discursos privados e na narrativa das histórias políticas. De um lado, os museus de história implicaram na configuração de uma identidade e comunidade, por outro lado os museus nacionais criaram espaços de institucionalização, porém foi somente a partir das décadas de 1960 a 1970 que programas pedagógicos abrem espaço para as disciplinas das ciências históricas. Com percepção das mudanças nos regimes de historicidades pós-holocausto e na criação da Olh@res, Guarulhos, v. 2, n. 2, p. 502-508. Dezembro, 2014.

história do tempo presente, houve alterações nas perspectivas direcionadas para as lutas e reconciliações. O pressuposto seguinte tem a proposta de pensar a representação do espaço social entre a cultura e a natureza. “O museu de cidade pode apresentar análises recentes da história, da geografia e da sociologia urbana; fornecer a imagem de uma idade de ouro perdida; ou ainda, esboçar uma alternativa para o estado presente das coisas” (POULOT, 2013: p. 51), conforme o autor expõe o museu de cidade e a nostalgia do patrimônio urbano como um empreendimento de identidade local, faz uma análise do tempo na história urbana focando nos museus de cidade, como local de representação dos conflitos urbanos. Comenta ainda que foi na virada do século XIX para o XX que novas perspectivas como os museus ao ar livre e os ecomuseus tentam conectar o território com a noção de valores.

Prosseguindo na leitura, o terceiro capítulo com o título “A história dos museus” discorre sobre a origem do colecionismo na modernidade passando pela abertura das coleções absolutistas e burguesas até o século XIX e XX. O autor põe em tela os primeiros museus europeus na Itália e na Alemanha, revisando o olhar do público sobre as coleções e as exposições de cunho patriótico. Os museus no século XIX era ainda símbolo da nação e da coletividade, e fazia parte de uma comunidade imaginária que satisfazia a autoridade positivista de colecionadores particulares, porém é na virada do século XIX e XX que as dificuldades exigiram uma profissionalização capaz de satisfazer as exigências de conservação. A narrativa expõe como os museus na Inglaterra, França e Alemanha passaram por mudanças tanto pela abertura de novos estabelecimentos como de novos modelos de exposição. Suscetíveis às críticas, as experiências do totalitarismo e do nazismo, incentivou e limitou as exposições de arte contemporânea. Já no caso americano, com as diferentes categorias de público tendeu para a memória, dirigindo uma representação do passado, tanto um como o outro o museu era tido como o guardião desse passado.

Durante o capítulo seguinte “Os museus da França” o debate é sobre as relações do Estado no desenvolvimento cultural, alegando que foi a partir do

Olh@res, Guarulhos, v. 2, n. 2, p. 502-508. Dezembro, 2014.

fim da tradição durante a Revolução Francesa, que se reivindicou o direito às obras, a cultura e as artes pela população. Foi a partir da fundação de uma política cultural que a categoria patrimônio passou a incorporar uma diversidade de conhecimentos e valorização pelo interesse público isto representou uma pulverização de museus nas entidades públicas.

Neste capítulo “A paisagem contemporânea dos museus” o autor faz uma relação do crescimento recente, rápido e diversificado dos museus, sob um debate político da cultura de massa na era do capitalismo. Como uma instituição instável os museus estão ligados a memória e ao patrimônio em uma conjunção de mudanças ou de história cruzadas em zonas de contato. Esta transformação marcou também de um lado a oralidade dos objetos e de outra as perspectivas pedagógicas, que a partir da década de 1980 privilegiava as apresentações didáticas e coletivas. Atualmente os estudos percorrem uma análise sobre o retorno ao conceito de museu, revelando um olhar sobre a evolução dos estabelecimentos. É neste momento que os museus orientados para o público tornam-se envolvidos tanto com o desenvolvimento cultural como com a inclusão social, pois com o crescimento e a renovação urbana intensificaram a busca de redução das igualdades culturais e a integração social. O surgimento dos novos estabelecimentos a partir da década de 1970 abriu espaço para a desvalorização das abordagens tradicionais e nisto as sensibilidades ganham novas perspectivas como a preocupação com as fotografias e a escultura que saem do isolamento concomitantemente, a exaltação arquitetônica alimenta a materialização de reformas da paisagem e manifestações culturais. Esta efervescência desencadeou mudanças no ofício dos museus, ainda que ligados a uma elite, repensaram sua prática inspirando o museu imaginário, tal proliferação de instituições também foi sentida na museologia que a partir da segunda metade do século XX se aproxima da herança cultural, explica o autor.

Continuando a narrativa o capítulo sexto denominado “A museologia”, leva o leitor a perceber que o discurso sobre a museologia é uma construção recente e herdeira de uma tradição pragmática, intelectual e conservadora Olh@res, Guarulhos, v. 2, n. 2, p. 502-508. Dezembro, 2014.

nas galerias de pinturas, museus de antiguidades, bibliotecas e gabinetes de curiosidades. As agências internacionais de museu criaram as primeiras estruturas para cooperação entre as instituições e uma profissionalização voltada para a educação nos museus. O crescimento da literatura especializada e o aumento de formação acadêmica levaram a novos desafios contemporâneos, foi a partir da década de 1970 que a “nova museologia” tornou-se uma disciplina cujas dimensões científicas e profissionais, geraram expectativas. O leitor percebe na temática uma análise das características do museu que implicam em contato com a história cultural e material, de um lado pela política da instituição como lugar de representação do patrimônio e de outro pela utilização de espaços para suas práticas nos rituais, portanto é uma ciência em construção e sua reescrita expõem significados e desafios da memória coletiva ao longo do tempo. Partindo da elaboração de um espaço público para a produção de atividades culturais e de como se adquire um sentido de ação a partir da contemporaneidade, o autor nos orienta para uma perspectiva de produção de cidadania como instrumento de celebração, portanto o uso do espaço público para exercício da cidadania. Foi se estruturando por um modelo pedagógico racional desde a modernidade que a indústria cultural, desenvolveu uma reflexão sobre o reconhecimento da instituição, aqui o autor prova que o museu não perdeu seu poder simbólico, nem da interpretação dos objetos, nem se desconecta valores, para se manterem atuais, ressurgiram das armadilhas das análise e dos lugares.

Os textos seguem em uma temática com uma metodologia cuja proposta é abordar o entendimento do conceito de museu, trazendo uma tessitura nas questões que envolvem representação, identidade, pertencimento, ideologia, nacionalismo e que são percebidos através de uma construção da trajetória histórica e do estudo da museologia dentro de uma longa duração. O autor propõe diferentes reflexões que remetem aos usos em diferentes épocas e procura estreitar o conceito demonstrando que este ainda demanda estudos, e que sua cultura sempre esteve ligada a uma formação etnocêntrica e tradicional, com isto nos ajuda a repensar o conceito tal que, demonstrando

Olh@res, Guarulhos, v. 2, n. 2, p. 502-510. Dezembro, 2014.

padrões e práticas, aponta singularidade das definições de seus valores e tradições. Aqui observo atentamente uma tendência em perceber que as instituições são espaço de reprodução de uma narrativa que demonstra a ação, engajamento e visão política dos museus. Uma leitura obrigatória para iniciar ou complementar estudos avançados sobre a percepção das mudanças teóricas que abordam os conceitos de museu e museologia, permitindo ao leitor repensar seus usos e caminhos e orienta questões e debates para elucidar as perspectivas da disciplina.

Referência Bibliográfica:

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude.** Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.

HARTOG. François. **Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo.** Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

POULOT, Dominique. **Uma História do Patrimônio no Ocidente, Séculos XVIII-XXI: Do Monumento aos Valores.** Estação liberdade. 2009.

RIEGL. Alois. **O culto moderno dos monumentos: sua essência e sua gênese.** Goiânia: Ed. UCG, 2006.